

Não me consta que nos cárceres haja ninguém por pensar.
Não me consta que nas ruas durmam os desamparados.
Não me consta que nas casas falte o pão.
Não me consta que nas minas seja escuro.
Não me consta que nas balas more a morte.
Não me consta.
Não figura o homicídio. Não me consta.
Não me consta a tortura. Não há indícios
de pancadas nas cozinhas. Não há um rasto de sangue.
Não me consta a miséria nas lixeiras. Não procede
incriminar ninguém. Não há provas de afogados nas barcas.
Não me consta a metralha. Não há indícios de muros,
nem de tanques, nem de casas a arder.
Não há prova qualquer de latrocínio.
Não há corpos suicidas ao pé dos altos prédios.
Ninguém roubou a vida e o trabalho.
Não me consta uma anciã abandonada de mãos secas,
nem a terra vazia, nem o rugir das máquinas,
nem o fedor do rio, nem o bater da árvore.
Não me consta a impotente fúria dos esfarrapados,
o crescer dum clamor. Não há registo certo
da balbúrdia do mundo. Nada consta
nos arquivos do Estado. Tudo é calmo
nas usinas, no exército, nas escolas, nas praças.
Sinto desiludir um desejo de caos, um fervor terrorista.
Há uma ordem completa, um Deus inamovível
que esvoaça nas ruas com as bombas da Verdade.
Não perguntem. Não falem. Não me consta que o façam.
Não há tempo. Não saiam
das moradas para um inútil combate.
Não esqueçam quem manda. Não neguem que o escolheram.
Não cultivem um ódio que vai contra o destino.
Não consta que qualquer luta ingénua triunfasse.
Não esqueçam o pão que obsequiamos.
Não esqueçam a boca do fuzil, a buzina da fábrica.
Não esqueçam vestir a melhor roupa de domingo.
Não esqueçam dar filhos. Não se movam da fila. Não evitem a fuste.
Não provoquem. Não digam que não lhes advertimos.
Não irritem. Não pensem que têm força. Não comparem os meios.
Não me façam sorrir com as suas demandas.
Não desatendam nem um minuto mais as suas obrigas.
Não me retenham com mais extravagâncias.
Não há tempo. Devo ordenar a destruição do mundo.
Devo cumprir a palavra do Deus que me alimenta.
Não me consta que existam. Devo assinar a ordem.
Devo ativar a máquina, devo fechar a porta, devo deitar o gás,
devo lavar as mãos, devo partir embora
antes que o seu fedor me arruine o paraíso.

<https://facebook.com/avelino.abilheira>

Avelino Abilheira